



**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**

ENTREVISTA COM MANOLO

*Affonso Romano de Sant'Anna**

Irônico, erudito, simpaticíssimo, o argentino Manuel Graña Etcheverry – o Manolo, hoje com 86 anos, casou-se em 1949 com Maria Julieta Drummond, dando a Carlos Drummond três netos: Carlos Manuel, Luís Maurício e Pedro Augusto. Ensaísta, poeta e tradutor de Drummond e de outros autores brasileiros, manteve com o sogro uma intensa correspondência, que deve ser brevemente publicada.

Há alguns anos venho mantendo contato com Manolo. A primeira vez quando participamos de uma mesa-redonda sobre a poesia drummoniana no Centro Cultural Banco do Brasil. Estivemos depois juntos em Itabira, no Rio e mantemos contato regular. Quando ele decidiu traduzir dois de meus livros – **Drummond, o gauche no tempo**, que sairá este ano pela Universidade de Salamanca, e **Barroco – do quadrado à elipse**, nossa amizade tornou literariamente ainda mais intensa.

Tem ele uma capacidade de trabalho terrível, como se tivesse 18 anos. Não é à toa que quando lhe perguntei (para a entrevista) que idade tinha, disse que quando tinha 28/29 pensava que tinha 34, agora que tem 25 seus ombros carregam 86.

Essa entrevista revela aspectos importantes de um intelectual finíssimo, de vasta cultura humanista, que pertence à família literária e física de Drummond. Com este manteve uma rica relação que ultrapassa a situação genro-sogro. Nesta entrevista ele fala dessa relação atendendo a algumas provocações minhas. Mas além disto nos autoriza a publicar algumas das cartas que escreveu ao poeta e as respostas que o poeta lhe deu.

* Escritor e ensaísta.

Affonso – *A paixão entre você e Julieta parece que foi fulminante, em poucos dias estavam casados. Como foi isso?*

Manolo – Em 1949 eu viajei ao Brasil porque um cliente meu tinha bens aí e devia ocupar-me deles. Ivette Vargas convidou-me a mim e ao filho do embaixador argentino para que conhecêssemos a flor e a nata da intelectualidade brasileira. Convidou o Carlos, que enviou Maria Julieta em seu lugar. Não me lembro de quem estava presente, salvo duas pessoas: Abgar Renault (creio que nem o olhei) e Maria Julieta, a quem olhei. Como dizes, foi fulminante. Poucos dias depois estávamos casados e em viagem a Buenos Aires, onde permanecemos juntos por 21 anos.

Affonso – *E como Drummond encarou esse verdadeiro seqüestro?*

Manolo – Carlos comentou que um argentino lhe havia escrito comunicando-lhe que se casaria com sua filha. Não se opôs. Se tivesse se oposto, o resultado seria o mesmo.

Affonso – *Então não houve algum pedido formal, aquela visita típica para se pedir a mão da noiva?*

Manolo – O pedido formal foi feito à Maria Julieta. Ao Carlos escrevi de Buenos Aires informando-lhe as minhas intenções. Ele respondeu mui cortesmente, sem opor-se. Enfim, portou-se como um cavalheiro.

Affonso – *E qual foi a reação de Dolores, mãe de Julieta?*

Manolo – Dolores objetou que não podia ser uma boa pessoa quem usava sapato de duas cores. Eu usava então uns de couro branco com uma parte preta (ou marrom), que era superfino, em Buenos Aires. Depois ela terminou aceitando o que estava acima de meus sapatos. Até chegou a dizer que esse sujeito não tão mal assim lhe havia proporcionado as últimas alegrias de sua vida, porque a levava a passear pelos novos túneis do Rio e a fiz conhecer Ouro Preto e rever sua Belo Horizonte.

Affonso – *E como foi essa viagem a Ouro Preto?*

Manolo – Naquela ocasião meu filho Pedro estava estudando arte em Ouro Preto. Convidei Dolores para ir comigo visitá-lo. Dolores aceitou agradecida. Estivemos com Pedro e à noite nos instalamos num hotel. Na manhã seguinte nos inteiramos que ela havia passado a noite morta de frio, por não conseguir fechar a janela. Depois fomos a Belo Horizonte, onde percorreu lugares em que havia vivido (incluindo o famoso viaduto no qual Carlos circulava temerariamente). Aquela foi uma das últimas alegrias de Dolores.

Affonso – *Uma vez você me mostrou uma longa carta de Drummond, coisa rara da parte dele. Com que assiduidade vocês se correspondiam? Assuntos literários, pessoais?*

Manolo – Nossa correspondência não era tão assídua assim, mas volumosa, com cartas de várias páginas. Em geral os assuntos pessoais ficavam nas cartas do pai para a filha, Dolores incluída. A nossa era mais filosófica, por exemplo, a existência de Deus, ou de crítica literária recíproca.

Affonso – *Explique melhor essa conversa sobre Deus.*

Manolo – Carlos não era crente. Talvez visse a religião como um bom freio para os maus instintos populares. E é bem possível que sua falta de fé se origine na injustiça de um padre no colégio de Friburgo. Em essência o caso foi esse. O sacerdote lhe disse que se confessasse uma determinada falta seria perdoado. Carlos era inocente, mas quis evitar uma má notificação ao seu pai, e confessou. Então, o outro o expulsou “por insubordinação mental”. Tempo depois morreu atropelado por um bonde, o qual, segundo creio, fez Carlos pensar na existência de uma espécie de justiça divina, sem um deus que a ordenasse e executasse.

Affonso – *E a famosa correspondência sema-*

nal dele com Maria Julieta, onde anda? Os filhos pensam em publicar algo?

Manolo – As cartas entre Carlos e Maria Julieta devem estar encadernadas. Eu não voltei a ter acesso a elas, ainda que lesse as que ele enviava e as que ela lhe escrevia.

Affonso – *Como ele reagia às traduções que você ia fazendo de sua poesia? Comentava?*

Manolo – Modéstia à parte, Carlos apreciava meus comentários críticos. Chegou a dizer-me que minha tradução de “A máquina do mundo” o havia convencido de que seu “poema era bonzinho” e que a tradução de “A mesa” o havia alertado sobre a universalidade de seu enfoque – o inigualável canto à família, sem paralelo em toda a literatura universal – quando ele havia pensado que era o desenvolvimento de um tema especificamente mineiro e limitado à família dos Drummond. Também se referiu à minha poesia científica de **Poemas para físicos nucleares**. Mas disto não vou falar, por pura modéstia.

Affonso – *Mesmo com modéstia, falemos desses poemas modelados pelo conhecimento científico.*

Manolo – Meus **Poemas para físicos nucleares** (1979) eram um ensaio poético que mostrava como a nova ciência chegava a construir matéria para uma temática diferente da clássica. Carlos comentou que tinha sentido desagrado diante de outras tentativas de fazer poesia científica, mas que no meu caso (“excusez un peu”) havia sentido a força das mensagens poéticas. Suas palavras serão conhecidas quando a Record publicar a correspondência que mantivemos durante muitos anos. E um pouco mais de água para meu moinho: o poeta Jorge Obligado, de Nova York, dedicou seu livro **Vislumbres** – “a Manuel Graña, pioneiro”.

Affonso – *Você tem também um gosto especial pela matemática e seu filho Luís Maurício é professor no assunto. Como isso entra em seu universo literário?*

Manolo – Minha relação com os números nasce do fato de que a matemática é uma linguagem e enquanto linguagem dispõe também de um campo poético. O mundo dos números é maravilhoso. A matemática é, assim, outro universo literário.

Affonso – *Você se considera um bibliófilo? Pois sei que tem algumas obras raras e especializou-se em literatura erótica.*

Manolo – Meu inferninho tem alguns valores. Quando a polícia francesa achava um livro mais ousado que o tolerável queimava a edição, mas reservava um exemplar para a Biblioteca Nacional de Paris. Quando Apollinaire foi seu diretor, fez duas coleções: **Les maîtres de l’amour**, com mais de 50 volumes (Tenho-os todos) e **Le cofret du bibliophile** com 38 tomozinhos. Também os tenho. Mas o exemplar mais curioso é **Errotica biblion** de Mirabeau (assim mesmo “errotica” no lugar de “erótica”). Apollinaire reeditou **Les maîtres de l’amour** e explicou que haviam se salvado 14 exemplares. Tenho um dos 14. Comprei-o aqui no Rio na “Civilização Brasileira”, por 20 dólares. Sou capaz de vendê-lo se me pagarem bem.

Affonso – *Num seminário sobre Drummond em que estivemos juntos, há anos, no CCBB, você abordou a questão do erotismo na poesia dele e referiu-se ao amor que tinha pela filha. Como via e vê isto?*

Manolo – Os sentimentos de Carlos por Maria Julieta não eram eróticos no sentido moderno do termo. Se entendiam só de se olharem. Ela era a crítica severa de seu próprio pai, não só no literário. Quando ela esgrimia suas razões e objeções – inclusive de conduta – ele se punha em silêncio.

Affonso – *Sendo você um intelectual argentino, há uma pergunta inevitável: você conheceu Borges?*

Manolo – Sim, o conheci numa livraria na rua Suipacha – “Quartier Latin”, que ambos freqüentávamos. Falávamos de rarida-

des literárias e ele me fez conhecer aquele “Gal, ammat de la Reine, alla, tour magnanime, galamant de l’Arene a la Tour Magne, à Nîme”. Trinta anos depois, convidado por Maria Julieta para uma conferência no Centro de Estudos Brasileiros, tendo ela me pedido que o recepcionasse, conversei novamente com ele e lhe disse que lembrava de sua lição de “Gal, amant”... e ele prosseguiu o dístico até o fim, demonstrando que tinha boa memória. Também a minha não era má.

Affonso – *Você vê Borges realmente como o grande escritor argentino contemporâneo?*

Manolo – O grande escritor argentino, na minha opinião superior a Borges, não querendo desmerecer a este, se chamou Juan Filloy. Morreu no ano passado quando faltavam poucos dias para completar 106 anos. Foi o maior palíndromista do mundo, com mais de 10 mil palíndromos (frases que lidas de trás para frente têm o mesmo sentido). Eis alguns: “Noel ama como camaleón”, “Ateo por Arábia iba raro poeta”, “Allí tápase Menen esa patilla”. Dediquei-lhe um estudo sobre um livro seu de versos, catalogando 5.536 palavras diferentes e umas 2.000 rimas consonantes. Filloy catalogou mais de 300 escolas pictóricas atuais. Conhecia a história como poucos e assim registrou o nome de 150 caciques que combateram contra os espanhóis. Novelista, ensaísta era defensor da toponímia autóctone.

Affonso – *Você andou fazendo também um trabalho ciclópico catalogando todos os versos e rimas de Drummond.*

Manolo – Não foi minha intenção fazer um estudo completo de Carlos. Analiso 38.000 versos, distinguindo os rimados dos livres e as estrofes de ambos os tipos. Me detenho nas rimas e separo as melódicas das rítmicas, que até agora não haviam sido consideradas, assim como as “macho” e “fêmea”

(com antecedentes ignorados por Carlos no poeta espanhol Afonso de Vilasandino, de 1400), a exemplo de “humano-humana”, “escravo-escrava”, etc. No momento estou passando a limpo nada menos de 4.000 palavras que Carlos estampou nos seus versos rimados. Há algumas curiosas, como “dor do” para rimar com “gordo”, ou “más, caras” para “máscaras”. Estudo também os temas de CDA que me parecem mais relevantes, e termino com uma parte estatística, que me permite extrair algumas conclusões: a principal, que Drummond é um poeta de hierarquia universal, e que sua obra está impregnada da famosa *areté* grega.

Affonso – *Hoje, quando todo mundo está encantado com Tolkien, que, em O senhor dos anéis, inventou países, exércitos, personagens e até uma língua especial para esse seu universo, é interessante lembrar que em 1954, com “La poesia Hede” você inventou toda uma literatura proveniente de Hedália. Você inventa os textos, os autores e as críticas a esses textos. Levou Borges aonde ele não pensou chegar.*

Manolo – Carlos disse que eu demonstrava com esse livro que se pode fazer poesia com material inexistente. Na verdade, cito autores verdadeiros, como Julio Cejador y Frauca e outros inventados, alguns com nomes ligeiramente alterados. Paulo Rónai observou que era preciso ter um olho muito agudo para não ler “Maouzeau” onde eu punha “Mareauzeu”, e tenho a esperança de que o acadêmico espanhol Fernando Lázaro Carreter me tenha perdoado por ter-lhe ajuntado uma vogal – a simpática e densa “a”. Me diverti, sim, ao fazer isto. Primeiro me surgiu o poema “Pamodia”. O escrevi num bonde, sem poder conter o riso cada vez que me surgia nova combinação. E ainda me divirto cada vez que me releio, quando quero me livrar do mau humor.